

Dinâmicas da *Al Shabaab*

Ana Monteiro

Licenciada em Sociologia e pós-graduada em Comunicação e Gestão de Crises pelo ISCTE onde frequenta o mestrado em Sociologia da Saúde. Membro da Direção da Amnistia Internacional.

Resumo

O artigo pretende traçar um perfil introdutório da *Al Shabaab* ao nível da sua estrutura e funcionamento, realçando as graves violações de direitos humanos que tem cometido.

Expõe-se a preocupante dinâmica de recrutamento de jovens da diáspora somali e de jovens estrangeiros para a *jihād* na Somália e enuncia-se algumas dinâmicas entre a *Al Shabaab*, o *Hizbul Islam* e o *Ahlu Sunnah Waljama'a*. Este último grupo é visto por muitos como uma força capaz de enfraquecer a *Al Shabaab* mas, mesmo assim, são necessárias mais ações para que tal aconteça, especialmente através da exploração das fraquezas desta organização.

Abstract

The Dynamics of Al Shabaab

This article draws an introductory profile of Al Shabaab regarding its structure and highlights its serious human rights violations.

It exposes the worrying recruitment dynamics of Somali Diaspora youth as well as other young foreigners for the Somali jihad and enunciates some of the dynamics between Al Shabaab, Hizbul Islam and Ahlu Sunnah Waljama'a. This last group is regarded by many as having the willingness and capability to weaken Al Shabaab. Nevertheless additional actions are needed to accomplish this goal, especially those which are able to further deepen Al Shabaab's weaknesses.

Definição e Estrutura da *Al Shabaab*

Assolada por vários anos de guerra civil e de um Estado sem governo, a Somália é um território florescente para movimentos radicais. A *Al Shabaab* encontra-se entre os mais conhecidos e temidos. Existem várias designações para este movimento entre as quais: *Al-Shabab*, *Al-Shabaab Al-Islaam*, *Al-Shabaab Al-Islamiya*, *Al-Shabaab Al-Mujahideen*, *Hisb'ul Shabaab* e *Hizbul Shabaab* (International Centre for Political Violence and Terrorism Research, 2010).

Segundo o relatório sobre a *Al Shabaab* do International Centre for Political Violence and Terrorism Research (2010: 3) o atual líder da *Al Shabaab* é Ahmed Abdi Godane, também conhecido como Sheikh Mohamed Mukhtar Abdirahman. No entanto, é a *Shura* (conselho de dez membros) que toma as decisões. Sheikh Ali Dhere é o porta-voz da organização, Xasan Xuseen é o líder espiritual, Fazul Abdullah Mohammed é o chefe de informações, ocupando na *Al Shabaab* o mesmo cargo que ocupava na União dos Tribunais Islâmicos (UTI), Shaykh Abdirahman Abdi Sjakur Hudeyfi e Shaykh Mukhtar Abdi Moousa são membros do executivo e Qadi Abdullah Ahmad Muhammad lidera a divisão de justiça.

A *Al Shabaab* é constituída, maioritariamente, por membros do clã Hawiye mas pretende ultrapassar a dinâmica das fidelidades e laços de clãs.

A organização está dividida em células independentes que funcionam de forma autónoma conforme as áreas geográficas que cobrem, tendo comandantes e políticos distintos. O conselho da *Shura* e a autonomia das células fazem com que cada comandante possa delinear e seguir a sua própria estratégia, administrando assim de forma independente as áreas sob a sua alçada. A descentralização poderá ter desvantagens a nível dos esforços de contrainsurreição. No entanto, é também uma vantagem para a própria organização pois a captura ou morte dos líderes do movimento não o torna inoperacional por causa da autonomia das células (Roque, 2010).

Existem dois ramos ou subunidades nomeadamente o ramo militar (*Jaysh Al-Uusra*) e o ramo responsável pela lei e ordem (*Jaysh Al-Hesbah*).

Os principais objetivos da *Al Shabaab* consistem em derrubar o Governo Federal de Transição (GFT), assim como os seus apoiantes e estabelecer uma versão mais radical da Sharia na Somália. Pretende construir uma força armada na qual a identidade islâmica radical prevaleça sobre as identidades e lealdades dos clãs. Tendo

em conta que fazem parte da rede da *Al Qaeda*, pretendem também continuar a *jihad* contra o mundo ocidental, em geral, e contra qualquer força estrangeira, em particular, que se lhes oponha na Somália. Foi declarada como uma organização terrorista pelo governo norte-americano em 2008 e, segundo o relatório do *National Counterterrorism Center* (2010: 15), a *Al Shabaab* é o segundo grupo terrorista mais mortífero no mundo.

Criação e Gênese da Al Shabaab

Existem várias hipóteses sobre a criação e gênese da *Al Shabaab*. Segundo Pantucci (2009), a Chatham House defende que a *Al Shabaab* assumiu uma maior proeminência em 2005 na altura em que indivíduos afiliados nesta organização levaram a cabo uma série de assassinatos como represália pela morte de vários líderes da UTI (União de Tribunais Islâmicos), ao passo que o *International Crisis Group* apresenta duas possíveis histórias para explicar o aparecimento da *Al Shabaab*. A primeira é que a organização tinha sido criada em 1998 por Hassan Aweys (atual líder da *Hizbul Islam*) como uma unidade militar da UTI e a segunda é que foi criada em 2006 como uma unidade especial da UTI para levar a cabo operações mais violentas e, mais tarde, para participar na guerra contra a Etiópia e o Governo Federal de Transição (GFT).

Outra versão é proporcionada por Bakier (2008) segundo a qual, a organização foi estabelecida em 1996 nos campos de treino em Bakool (Sul da Somália) e só ganhou mais visibilidade e poder durante a guerra de 2006 contra a Etiópia e forças governamentais.

A ligação da *Al Shabaab* com a União de Tribunais Islâmicos é o fator comum que une estas diferentes interpretações.

Torna-se assim necessário realizar uma pequena contextualização sobre a União de Tribunais Islâmicos. Este movimento surge como uma resposta à desorganização e corrupção que se vivia no país devido à atuação de senhores da guerra, impondo a ordem e o cumprimento da lei tendo como base a *Sharia*.

Registou-se um grande apoio e legitimação por parte da população que estava exausta devido à situação em que o país se encontrava desde 1991, após a queda do regime de Barre e do colapso do governo central. A UTI providenciava à população justiça, educação e assistência médica, mantendo um clima de relativa estabilidade, mas era fonte de preocupação para alguns países vizinhos como a Etiópia e os EUA por causa da defesa da *Sharia*.

Assim sendo, os EUA decidiram, no início de 2006, aprofundar negociações com um grupo de senhores da guerra seculares somalis que tinham, eles próprios, interesse em eliminar a UTI. O grupo intitulado *Alliance for the Restoration of Peace*

and Counter-Terrorism (ARPCT), era constituído por Abdi Nure Siyad, Muhammad Qanyare Afrah, Muse Sudi Yalahow, Omar Finnish, Bashir Raghe e Abdirashid Shire Ilqeyte. (Kohlmann, 2009: 17)

Apesar de ter conseguido assassinar e prender muitos membros da *Al Shabaab* e de outros grupos radicais (que eram depois entregues às forças norte-americanas), o ARPCT acabou por falhar na sua missão devido à sua desorganização e ao facto de se tratarem de senhores da guerra e de mercenários.

Foi uma vitória para a *Al Shabaab* mas outros problemas estavam no horizonte já que grande parte das pessoas (especialmente homens de negócios) que tinham apoiado monetariamente a UTI e a *Al Shabaab*, começaram a apresentar queixas contra os grupos mais radicais, afirmando que estes efetuavam interpretações e leituras desproporcionais da *Sharia*, afetando os seus negócios e a vida quotidiana de muitos somalis.

Em junho de 2006 o porta-voz da UTI foi interpelado por queixas de proprietários de cinemas e estabelecimentos que estavam a ser encerrados por transmitirem futebol e filmes. Na altura a UTI tentou acalmar os ânimos e assegurou que estas ações cessariam. No entanto, alguns dias depois um grupo de milícias islâmicas rodeou um cinema, na cidade de Dhusa Mareb, onde se assistia a uma semifinal de um jogo de futebol e matou duas pessoas (Kohlmann, 2009: 18).

Segundo o relatório do *Monitoring Group on Somalia* (2006: 6-7), a UTI havia estabelecido vários campos de treino ao longo do Centro e Sul da Somália e encontrava-se numa ação intensiva de recrutamento não só de combatentes somalis como também de voluntários estrangeiros que ensinavam novas táticas de guerrilha, assim como montagem de bombas e o uso destas contra diferentes tipos de alvos. Ensinavam também técnicas de rapto e assassinatos através de emboscadas e de tropas especiais.

Este relatório conclui também que a UTI “tem capacidade total para fazer da Somália um cenário idêntico ao do Iraque, repleto de bombistas suicidas, assassínios e outras formas de atividades insurgentes e terroristas (Monitoring Group on Somalia, 2006: 42). Outra das conclusões à qual se chegou foi o facto de grande parte da força da UTI (desde material militar, apoio financeiro, *know-how* e participação de estrangeiros) ser proveniente do exterior da Somália, especialmente de membros de grupos radicais de outros países.

Segundo o mesmo relatório, Djibuti, Egito, Eritreia, Irão, Líbia, Arábia Saudita e Síria apoiavam a UTI ao passo que a Etiópia, Uganda e Iémen estavam alinhados com o GFT.

A Etiópia apoiava o GFT já que a UTI tinha entrado algumas vezes em confronto direto com este país. Por exemplo, em novembro de 2006 um comboio militar etíope foi atacado pela UTI perto de Baidoa, tendo morrido aproximadamente duas dezenas de militares etíopes. Nessa altura o parlamento etíope autorizou o

seu governo a tomar as medidas necessárias para impedir uma invasão de grupos radicais islâmicos.

A situação piorava com o facto de a UTI ser, nessa altura, financiada e apoiada pela Eritreia, país com o qual a Etiópia não mantinha relações amistosas.

A Etiópia não era a única a preocupar-se com os avanços dos grupos radicais islâmicos somalis, os Estados Unidos da América (EUA) acreditavam que a UTI albergava indivíduos com ligações à *Al Qaeda* e responsáveis por atos terroristas. Ambos estavam determinados, com o aval do GFT a não deixar que esta situação se prolongasse por mais tempo (International Crisis Group, 2006).

A *Al Qaeda* estava atenta a esta movimentação entre os dois países com o apoio do GFT e, no dia 1 de julho de 2006, Osama bin Laden emitiu um comunicado através da *Al Qaeda As Sahab Media Foundation*, afirmando que os EUA tinham aconselhado a Etiópia a enviar tropas para a Somália e pedindo que a juventude muçulmana sacrificasse tudo o que tinham de valor para ajudar a colmatar as necessidades dos mujahedin através de pessoas de confiança na Palestina, Iraque, Somália, Afeganistão e Sudão.¹

É de recordar que, em finais de 2004, tinha sido formado o GFT da Somália, apoiado pelas Nações Unidas, União Africana e pelos EUA. No entanto, este governo sofria constantes ataques por parte da UTI e, em julho de 2006, a Etiópia (apoiada pelos EUA) invadiu a Somália com o objetivo de eliminar a ameaça da UTI que se estava a radicalizar.

Apesar de o Primeiro-Ministro etíope, Meles Zenawi, ter afirmado que a razão da invasão residia no perigo que as forças extremistas islâmicas representam para a Etiópia, a verdade é que o GTF tinha apelado ao apoio da Etiópia para o ajudar a resolver o problema da UTI. Este pedido não foi visto com bons olhos pela população somali que passou a ver o seu governo como uma estrutura que cedia facilmente ao poder internacional e que se socorria de invasões estrangeiras para consolidar o seu poder. Este sentimento seria, aliás, mais tarde explorado pela *Al Shabaab* para ganhar legitimidade.

1 "...They are preparing to send military forces to Somalia at the suggestion of America, claiming it is to help and extended their security. And they lie and say that Somalia has suffered from tribal fighting since the defeat of America there ten years earlier. Is it intelligent to believe that they just discovered the tragedy today? Or is the real reason because the Shariah Courts have seized the capital and extended their influence over the most important regions, and is seeking to establish an Islamic state... We promise almighty Allah that we will fight [crusader] soldiers on the land of Somalia with His Help and Power. We also reserve the right to punish them on their own land and in any available place at any time or in any way which is convenient for us. I also urge the Muslim youths and their merchants to sacrifice everything valuable and to provide for all the needs of the Mujahideen through trusted people, especially in Palestine, Iraq, Somalia, Afghanistan, and Sudan." (Kohlmann, 2009: 19).

A Invasão Etíope da Somália

O exército etíope começou por tomar a cidade de Baidoa e foi estendendo o seu poder, tendo tomado definitivamente Mogadíscio em finais de dezembro de 2006.

Durante o conflito foram cometidos graves abusos e violações de direitos por todas as fações, conforme provado pelos *media*, por várias organizações e agências no terreno (incluindo as Nações Unidas) e por organizações de direitos humanos como a Amnistia Internacional e a *Human Rights Watch* que enviaram para o terreno peritos e investigadores independentes. As ações de monitorização e de investigação de situações de violações de direitos humanos resultaram em alguns relatórios publicados pela Amnistia Internacional, sendo de destacar os seguintes: *Routinely targeted: attacks on civilians in Somalia* (maio de 2008), *Attacks on aid workers and rights defenders in Somalia* (outubro de 2008).

As atitudes e ações das forças militares etíopes provocaram grande consternação entre a população somali e muitas das pessoas que antes duvidavam da *Al Shabaab*, passaram a apoiá-la.

Um desses episódios deu-se quando as tropas etíopes invadiram a mesquita de Al Hidya em Mogadíscio, assassinando mais de duas dezenas de pessoas e mantendo durante vários dias 41 crianças reféns (Amnesty International, 2008).

Esta invasão foi, assim, o pretexto perfeito para a *Al Shabaab* aumentar a legitimidade e força, tendo virado uma parte da população somali contra o seu próprio governo que viam como sendo complacente com a invasão do país vizinho e com a ingerência dos EUA nos assuntos internos somalis.

Ted Dagne (2010) afirmou, na sua exposição ao *Subcommittee on Africa and Global Health* a 17 de junho de 2010, que a invasão etíope da Somália, com o apoio dos EUA, foi vista por muitos como uma ação que contribuiu para o reforço da *Al Shabaab* pois, ao enfraquecer e desmembrar a UTI, deixou-se um espaço que foi imediatamente preenchido pela *Al Shabaab*.

Depois de mais de dois anos de ocupação e de um conflito que provocou baixas em todas as fações mas cuja maior vítima foram os civis, a Etiópia retirou as suas tropas da Somália no início de janeiro de 2009.

A 31 de janeiro do mesmo ano, Sharif Sheikh Ahmed foi eleito Presidente do país, cargo que ocupa até hoje. Sharif Sheikh Ahmed pertencia a uma facção mais moderada da UTI.

O Recrutamento de Estrangeiros

Um dos elementos que caracteriza a *Al Shabaab* é o facto de ser constituída por guerrilheiros locais mas também por voluntários provenientes de vários países

que se oferecem para participar na *jihad*. Segundo relatórios de várias instituições², muitos dos voluntários da *Al Shabaab* são recrutados em vários países europeus e mesmo nos EUA.

Muitos dos jovens que integraram as fileiras desta organização eram de origem somali e fizeram-no devido a sentimentos nacionalistas quando a Etiópia invadiu a Somália. Para estes jovens, integrar a *Al Shabaab* tratava-se mais de um dever patriótico do que propriamente de uma *jihad* (Pantucci, 2009).

Um deles foi Moe Abdullahi Mohamed, entrevistado em julho de 2010 por uma equipa da *Current Vanguard* (Putzel, 2010b). Este jovem somali que vivia no Canadá foi para a Somália para lutar contra a invasão da Etiópia e decidiu regressar para o Canadá quando o exército etíope retirou as suas tropas. Disse ao comandante das tropas rebeldes nas quais estava integrado que só tinha aceitado lutar para expulsar os etíopes, que sentia que tinha cumprido a sua missão, recusando-se a continuar, especialmente por causa do movimento emergente da *Al Shabaab*.

Moe Mohamed afirmou na reportagem que muitos dos membros da *Al Shabaab* são jovens estrangeiros de outros países (incluindo dos EUA) que se sentiam excluídos e perseguidos por causa da guerra contra o terrorismo e que, por causa disso, estavam mais vulneráveis às técnicas de recrutamento da *Al Shabaab*. Segundo ele, a maioria dos muçulmanos que vivem no estrangeiro são discriminados e vistos com desconfiança, sendo muitas vezes vítimas de racismo. Organizações terroristas como a *Al Qaeda* e a *Al Shabaab* usam, assim, este ressentimento e sentimento de discriminação e inferioridade para instigar o ódio e o desejo de vingança nas pessoas.

Christiane Amanpour explorou este tema num documentário intitulado *Generation Islam* emitido pela CNN em 2009.³

No entanto, foram poucos os jovens que regressaram a casa depois de a Etiópia ter retirado da Somália. A maioria decidiu ficar na Somália, continuando a guerra contra outras fações que entretanto surgiram, como foi o caso da AMISOM (African Union Mission in Somalia) e o novo governo federal de transição.

O ataque terrorista no dia 3 de dezembro de 2009 numa cerimónia de graduação de estudantes de medicina num hotel em Mogadíscio foi levado a cabo por um jovem dinamarquês de descendência somali que tinha sido recrutado pela *Al Shabaab*. Morreram 23 pessoas, incluindo três ministros do GFT. Existe a suspeita

2 Congressional Research Service dos EUA, Institute for Security Studies, International Centre for Political Violence and Terrorism Research, Departamento de Justiça da Dinamarca, Monitoring Group on Somalia das Nações Unidas, Office of the Coordinator for Counterterrorism do United States Department of State e o Committee on Homeland Security and Governmental Affairs.

3 Disponível em <http://edition.cnn.com/SPECIALS/2009/generation.islam/>

de que dois dos cinco bombistas suicidas, que participaram num ataque a 17 de setembro contra o quartel da AMISOM no qual foram usados jipes das Nações Unidas (NU) que haviam sido roubados, eram somalis que viviam nos EUA (Dagne, 2010). Morreram 16 capacetes azuis, vários oficiais somalis, um civil e um comandante da polícia.

É preocupante o número de estrangeiros que não têm qualquer ligação com os países onde grupos terroristas atuam e que, mesmo assim, decidem juntar-se a esta luta.

Um dos mais conhecidos foi Omar Hammadi (também conhecido por Abu Mansoor al Amiriki), um jovem norte-americano que nasceu numa pequena cidade maioritariamente católica do Alabama. Converteu-se ao islamismo durante o ensino secundário e, alguns anos depois, juntou-se à *Al Shabaab* na Somália. Uma equipa da *Current Vanguard* realizou uma reportagem intitulada *American Jihad* em 2010 (Putzel, 2010a). na qual tentou, de certa forma, perceber o que tinha levado este jovem norte-americano a ir para uma terra que não conhecia e a participar na *jihad*.

Segundo alguns relatórios apresentados pelo Committee on Homeland Security and Governmental Affairs em 2009 (Liepman, 2009), pela NEFA Foundation em 2010 (Gruen, 2010), pelo Departamento de Justiça dinamarquês (Taarny, 2010) e pelo Congressional Research Service (Bjelopera, 2010), as crianças que são atraídas e recrutadas pela *Al Shabaab* no estrangeiro possuem características especiais pois conhecem a cultura ocidental, a língua dos países de onde são oriundos, assim como o território e costumes. Rejeitaram a cultura ocidental o que os torna menos permeáveis a manobras de contra insurreição, sabem falar fluentemente inglês e muitos deles não estão identificados como terroristas, podendo assim entrar e sair dos países de onde foram recrutados sem grandes problemas.

Todos estes fatores acima descritos poderão representar uma vantagem para a *Al Shabaab* para ataques terroristas na Somália que sejam direcionados contra ocidentais e até mesmo para ataques terroristas nos países dos quais estes jovens são oriundos.

No entanto, tal como foi enunciado na maioria dos relatórios acima referidos é necessário não generalizar estes casos, sendo imperativo não discriminar nem perseguir as comunidades somalis no estrangeiro por causa dos atos de alguns dos seus membros. Isto porque, como foi acima exposto, os jovens somalis que vivem no estrangeiro e que vão para a Somália têm como razões principais o facto de se sentirem excluídos da comunidade no geral e de serem discriminados por serem somalis.

Muitas das recomendações dos relatórios vão exatamente no sentido de tentar diminuir esta radicalização através de uma maior compreensão e ajuda à comunidade.

As Violações de Direitos Humanos Cometidas pela *Al Shabaab*

Como já foi acima mencionado, a *Al Shabaab* foi referenciada como sendo o segundo grupo terrorista mais mortífero em 2009.

No entanto, esta organização faz mais do que cometer massacres, levando a cabo campanhas de tortura e humilhação que justificam com a aplicação da *Sharia*. É necessário ter aqui em conta que a *Sharia* tem várias interpretações e que há grupos mais moderados que também se baseiam nesta doutrina e que não cometem este tipo de atrocidades, pelo que o problema poderá estar na sua interpretação e uso como meio de justificar ações violentas.

Segundo a Amnistia Internacional (2009b) e a *Human Rights Watch*, as violações de direitos humanos incluem: assassinatos, perseguições, julgamentos levados a cabo sem cumprir os padrões mínimos de justiça que levam a condenações injustas, violações, raptos, tortura e tratamentos cruéis aplicados como castigos públicos (especialmente contra mulheres e crianças), recrutamento de crianças soldado, uso da pena de morte (muitas vezes a lapidação), casamentos forçados, abusos de poder e de autoridade, negação de vários direitos como o direito à liberdade de expressão, de associação e de religião, entre outros.

Para além de a população em geral ser alvo de perseguição e represálias, a *Al Shabaab* direciona muitos dos seus ataques a defensores de direitos humanos, trabalhadores humanitários, jornalistas e membros de organizações da sociedade civil, especialmente organizações direcionadas para os direitos das mulheres, que a *Al Shabaab* insiste em não reconhecer e respeitar (Amnesty International, 2008d).

As mulheres são alvo de grande perseguição pela *Al Shabaab* que as pune com gravidade sempre que não respeitam a sua interpretação radical da *Sharia*. Segundo a Amnistia Internacional (2010a) mais de 200 mulheres foram presas e posteriormente chicoteadas em público em apenas dois dias no mês de setembro de 2009 em Mogadíscio por não terem usado corretamente véu. Em novembro várias mulheres foram chicoteadas em público por terem usado *soutiens*.

Não são raras as vezes em que as mulheres são punidas com a lapidação, uma sentença de morte levada a cabo de forma extremamente dolorosa e violenta.

No dia 27 de outubro de 2008, Aisha Ibrahim Duhulow, foi morta por um grupo de 50 homens que a apedrejaram até à morte num estádio em Kismayo, à frente de mais de mil pessoas que foram convidadas a estar presentes no ato da lapidação. Tratava-se de uma criança de apenas 13 anos que, após ter sido violada por 3 homens, denunciou este crime à *Al Shabaab* na esperança que se fizesse justiça. No entanto, em vez de punir os homens que a tinham violado, a *Al Shabaab* decidiu que a criança seria acusada de adultério e que seria punida com a lapidação. Durante a execução, várias pessoas dentro do estádio tentaram salvar a menina ao que a *Al*

Shabaab respondeu disparando contra a multidão e matando uma criança do sexo masculino (Amnesty International, 2008c).

Os castigos públicos incluem muitas vezes amputações, como se verificou em junho de 2009, quando membros da *Al Shabaab* amputaram a mão direita e a perna esquerda de quatro jovens (Ali Mohamudi Geedi, Osmail Kalif Abdule, Jeylani Mohamed Had and Abdulkadir Adow Hirale), em praça pública à frente de centenas de pessoas (Amnesty International, 2009a).

Os ataques suicidas e o bombardeamento de zonas altamente povoadas são alguns dos métodos de ataque da *Al Shabaab*.

Alguns destes exemplos são apresentados no relatório *No End in Sight: the Ongoing Suffering of Somali's Civilians* da Amnistia Internacional. No dia 3 de dezembro de 2009, um bombista suicida fez-se explodir durante uma cerimónia de graduação de estudantes de medicina que iriam tornar-se médicos nesse dia. Morreram 23 pessoas, a maioria estudantes e professores, assim como três jornalistas e os ministros da Educação, do Ensino Superior e da Saúde. Muitos residentes em Mogadíscio manifestaram-se contra a *Al Shabaab* no dia 7 de dezembro como meio de protesto contra esta ação. Na noite de 11 de setembro de 2009, uma bomba explodiu no hospital Martini, matando 13 civis entre eles três crianças. Viviam no hospital 97 pessoas portadoras de deficiência e as suas famílias. Estavam na altura juntas para iniciar o jantar após o jejum, pois estava-se na altura do Ramadão. Este hospital estava localizado numa área controlada pelo GFT e pelas tropas da AMISOM pelo que o ataque foi atribuído à *Al Shabaab* já que o *Hizbul Islam* negou ter tido qualquer tipo de responsabilidade (Amnesty International, 2010a).

No entanto, mesmo que a *Al Shabaab* não tenha levado a cabo este último ataque em particular, perpetrou outros ataques igualmente mortíferos no período do Ramadão em 2010, o que a tornou ainda mais impopular, especialmente por se afirmar como sendo uma organização de teor religioso que pretende que a *Sharia* seja aplicada por toda a Somália mas, ao mesmo tempo, desrespeitar o período sagrado do islamismo. São muitas as pessoas e organizações que acusam a *Al Shabaab* de se refugiar numa noção extremista da *Sharia* e do islamismo para levar a cabo ações violentas e para desrespeitar a cultura, religião e tradições do povo somali.

Segundo o National Somali Bantu Project nos EUA, todos os aspetos culturais Bantu estão a ser destruídos na Somália pela *Al Shabaab* que proíbe a dança, o uso de medicinas tradicionais e de línguas e dialetos locais. Forçam as pessoas de grupos minoritários a adotarem as práticas islâmicas, sendo obrigadas a ter um nome árabe e não podendo responder nem usar o seu nome original. As mulheres são obrigadas a usar o *hijab* e são castigadas caso não o façam, sendo também obrigadas a casar à força com membros da *Al Shabaab* e a aderir ao código da *Sharia* em todos os aspetos da sua vida quotidiana.

Outros atos de intolerância religiosa incluíram o encerramento de mesquitas em vários locais, a proibição de determinados imãs levarem a cabo as orações públicas, de trabalhos e atos de caridade e a detenção de vários *sheiks*.

Segundo um relatório do *Minority Rights Group International* (Hill, 2010), a *Al Shabaab* tem cometido graves atrocidades contra grupos minoritários na Somália como os Bantu, Gosha, Benadiri e grupos cristãos. Muitas pessoas pertencentes a estes grupos têm sido perseguidas, agredidas e mortas por causa da imposição radical da Sharia. Omar Khalafe de 69 anos foi morto num bloqueio de estrada por ter em sua posse algumas bíblias e duas crianças foram decapitadas em fevereiro de 2009 perto de Kismayo porque o seu pai que era cristão se recusou a denunciar um líder da igreja cristã. Ainda neste relatório constam as mortes de vários Bantu que assistiam a uma cerimónia tradicional na região da Baixa Juba em janeiro de 2010. Muitas mais pessoas foram executadas, perseguidas e torturadas por exercerem o seu direito a praticar e professar uma religião diferente ou por se recusarem a dar informações à *Al Shabaab*.

Este radicalismo religioso tem sido alvo de muitas críticas de comunidades e religiosos islâmicos que afirmam que a *Al Shabaab* mancha o bom nome do Islão com este tipo de ações (Garowe, 2010).

A *Al Shabaab* também sonega o direito de as populações terem acesso à ajuda humanitária, especialmente à ajuda alimentar proveniente dos programas da USAID (United States Agency for International Development) e do WFP (World Food Programme).

A 25 de outubro de 2009, proibiu que qualquer organização ou agência humanitária operasse na região de Juba, afirmando que queriam que as pessoas trabalhassem pela sua vida em vez de depender do apoio humanitário. Um mês depois emitiu uma lista de onze organizações humanitárias que deveriam substituir os seus membros do *staff* que fossem mulheres por homens, que estavam proibidos de encorajar ou falar sobre secularismo e democracia e que deveriam pagar uma quota semestral de 20 mil dólares à *Al Shabaab*. No mesmo mês, a 25 de novembro, proibiu que o WFP operasse na parte Sul da Somália, acusando a organização de estar a atuar como uma barreira para a autossustentação das pessoas.

Em dezembro de 2009 elementos da *Al Shabaab* invadiram os escritórios do UN Mine Action (UNMAS) em Baidoa, emitindo um comunicado no qual banuiu esta organização da região, acusando-a de espionagem.

Quando os elementos da *Al Shabaab* invadiram também o edifício da UNICEF na cidade de Jowhar, pilharam e destruíram ajuda humanitária que incluía vacinas e alimentos para crianças desnutridas, deixando mais de 100 mil crianças sem acesso a esta ajuda que lhes poderia ter salvo a vida.

Esta falta de segurança e os raptos frequentes levaram a que muitas organizações e agências deixassem de operar em determinados territórios. Foi o caso dos

Médicos Sem Fronteiras que suspenderam as suas atividades na região de Bakool depois do rapto de dois médicos estrangeiros que entretanto foram libertados uma semana depois. Os Médicos Sem Fronteiras geriam um centro de saúde e quatro postos médicos que serviam mais de 250 mil pessoas que ficaram sem assistência médica.

Segundo a Amnistia Internacional (2010a) mais de metade da população da Somália depende da ajuda humanitária e a grande maioria destas pessoas encontra-se exatamente no Sul, nas regiões de onde a *Al Shabaab* banuiu os programas de ajuda humanitária. Até meados de 2009 tinham sido mortos 10 trabalhadores humanitários e em 2010 já tinham sido mortos três trabalhadores do WFP. Em 2008 foram mortos mais de 40 defensores de direitos humanos e trabalhadores humanitários somalis.

Durante o ano de 2010 o ataque mais significativo da *Al Shabaab* foi levado a cabo no dia 11 de julho em Kampala, capital do Uganda, com a detonação de duas bombas no restaurante Ethiopian Village e no clube de rugby Kyaddondo. No primeiro ataque morreram 15 pessoas e no segundo mais de 50 pois encontrava-se uma grande multidão a assistir ao Mundial de Futebol. Ambos os locais são ponto de encontro e convívio de muitos estrangeiros, tornando-os um alvo preferencial (International Centre for Political Violence and Terrorism Research, 2010).

No dia seguinte a *Al Shabaab* assumiu a responsabilidade por estes ataques, os primeiros que realizaram em solo estrangeiro. Avisaram que estes ataques eram uma mensagem clara para o Burundi e o Uganda retirarem as suas tropas da AMISOM, ameaçando o Burundi de um ataque direcionado para a sua capital.

Nos dias 19 a 27 de julho aquando da 15ª Sessão Ordinária da União Africana, a maioria dos líderes condenou os ataques da *Al Shabaab*, prometendo o reforço da AMISOM e esforços mais concentrados para eliminar a ameaça da *Al Shabaab* na Somália e no mundo.

Torna-se, no entanto, importante perceber que a *Al Shabaab* não age isoladamente e, para além de estar inserida na *Al Qaeda*, também conta com o apoio de grupos como o *Hizbul Islam*.

O Izbul Islam

O *Hizbul Islam* nasceu, em janeiro de 2009, da fusão de três grupos islâmicos, nomeadamente a *Alliance for the Re-Liberation of Somalia-Eritrea*, *Jabhatul Islamiya* e *Anole*, sendo também um produto da UTI.

As relações da *Al Shabaab* com o *Hizbul Islam* são conturbadas mas ao mesmo tempo parece existir, segundo o relatório do *International Centre for Political Violence and Terrorism Research* (2010) uma vontade de fusão entre ambas. Existe mesmo

a hipótese de o atual líder do *Hizbul Islam*, Hassan Aweys, assumir a liderança da *Al Shabaab*, especialmente tendo em conta que Ahmed Abdi Godane se encontra fragilizado em termos de saúde devido aos ferimentos que contraiu durante uma explosão em Mogadíscio.

Aweys é um antigo líder da UTI, participou no ataque aos soldados norte-americanos durante a batalha de Mogadíscio em outubro de 1993 e treinou em campos da *Al Qaeda* na década de 1990.

O *Hizbul Islam* e a *Al Shabaab* participaram em várias ações conjuntas, como por exemplo o ataque a *peacekeepers* da União Africana em fevereiro de 2009 do qual resultou a morte de 50 elementos.

Aweys incentivou, no passado, uma fusão entre a *Al Shabaab* e o *Hizbul Islam*. No entanto o *Hizbul Islam* prefere controlar autonomamente os locais nos quais prevalecem laços históricos com os dois clãs dominantes do grupo, os Marehan e os Darod. Para além disso, este grupo tem uma visão mais moderada da aplicação da *Sharia* ao contrário da *Al Shabaab*.

A luta pela cidade de Kismayo, com laços históricos para os clãs do *Hizbul Islam*, que ocorreu em setembro de 2009, foi um exemplo de como estas diferenças podem separar e pôr em conflito os dois grupos.

Não foi apenas o *Hizbul Islam* que entrou em conflito direto com a *Al Shabaab* por esta ter atacado valores e locais sagrados. O mesmo aconteceu com o *Ahlu Sunna Waljama'a*.

A Ahlu Sunna Waljama'a

Segundo uma reportagem da BBC de 8 de junho de 2009 (Mohamed, 2009) a partir de 2008 a *Al Shabaab* iniciou uma campanha de destruição de locais e símbolos religiosos dos Sufis, incluindo túmulos de santos reverenciados por este grupo. O porta-voz da *Al Shabaab* em Kismayo, Sheikh Hassan Yaquub, justificou estes atos afirmando que a adoração de túmulos é considerada idolatria e, devia ser por isso, banida.

Estes atos provocaram a fúria não só das comunidades locais como também de muitos Sufis que veem a *Al Shabaab* como uma organização que deturpa os ensinamentos do Islão. O grupo *Ahlu Sunna Waljama'a* pegou em armas contra a *Al Shabaab* considerando-a, nas palavras do seu porta-voz Abdirasak Mohamed *Al Ash'ari*, "um grupo radical que derrama sangue muçulmano todos os dias e que profana os nossos túmulos. Eles foram fundados e criados fora da Somália e a sua ideologia é estrangeira." (Mohamed, 2009).

O grupo *Ahlu Sunna Waljama'a* assinou em março um acordo com o governo Somali, prometendo uma ação mais eficaz contra a *Al Shabaab* e o *Hizbul Islam*. No

entanto, queixaram-se que os postos no Gabinete de Ministros que lhes haviam sido prometidos ainda não haviam sido postos à sua disposição.

Apesar disso, continuam a luta contra a *Al Shabaab* e um dos seus últimos avanços deu-se no dia 20 de novembro quando atacaram insurgentes da *Al Shabaab* na vila de Wardhumale. Durante estas ações foram mortas mais de 13 pessoas.

De acordo com o *Monitoring Group on Somalia* (2010) o *Ahlu Sunna Waljama'a* é mais eficaz do que as tropas do GFT, tendo a capacidade de infligir na *Al Shabaab* danos consideráveis.

Considerações Finais

As dinâmicas entre os dois últimos grupos mencionados e a *Al Shabaab* assumem uma grande importância a nível da gestão do conflito na Somália.

Tal como se verificou, ambos se viraram contra a *Al Shabaab* quando esta tentou atacar locais com valor histórico para os clãs dos grupos. Significa isto que diferem bastante da *Al Shabaab* que pretende substituir os laços e fidelidades de clãs por um modelo apoiado na *Sharia* interpretada de modo radical. O *Ahlu Sunna Waljama'a* considera a *Al Shabaab* uma organização estrangeira que não tem lugar na Somália pois deturpa os ensinamentos islâmicos e assassina muçulmanos. O *Hizbul Islam* é um movimento moderado, que tem uma grande consideração e respeito pelos seus clãs e que, apesar de estar recetivo à ideia da fusão com a *Al Shabaab*, pretende continuar a dominar os locais com ligações históricas aos clãs dominantes no grupo, não estando disposta a aceitar o controlo da *Al Shabaab*, como se verificou durante os incidentes de Kismayo em 2009.

O *International Centre for Violence and Terrorism Research* (2010) aconselha a que o GFT explore estas diferenças, envolvendo o *Hizbul Islam* no governo e isolando, assim, a *Al Shabaab*. As diferenças acima mencionadas poderão ser cruciais no futuro pois poderão dividir ainda mais os dois grupos fazendo com que ambos percam a sua força ou, caso sejam colmatadas, os grupos poderão fundir-se num só aumentando assim a sua força e poder de ação.

O GFT tentou aplicar este modelo à *Ahlu Sunna Waljama'a* através da assinatura dos acordos em março de 2010 mas falhou quando não cumpriu algumas das suas promessas. Seria assim necessário um maior apoio e incentivo a este grupo que continua a combater a *Al Shabaab*.

No início de agosto de 2010 a União Africana comprometeu-se a enviar mais soldados para integrar a AMISOM e em finais de novembro do mesmo ano o *Inter Governmental Authority on Development* (IGAD) anunciou que iriam ser enviados para a Somália mais capacetes azuis para se juntarem aos cerca de 4.500 do Uganda e Burundi que já estão no terreno e que fazem parte da AMISOM (Garowe, 2010).

Quando em agosto se tomou a decisão de fortalecer a AMISOM, esta não foi recebida com entusiasmo por alguns peritos que defendem que a situação não só não melhorará como poderá piorar com o envio de mais tropas.

Zakaria Mohamud Haji Abdi da *Alliance for the Re-Liberation of Somalia* afirmou que a cultura militar já se revelou incapaz de resolver o problema, pelo que se deverá agora reforçar a cultura do diálogo e, segundo Kisiangani Emmanuel do *Institute for Global Dialogue*, o mais importante seria encontrar uma solução somali para um problema somali. Isto porque as políticas militares estrangeiras impostas sobre a Somália só serviram para radicalizar o extremismo religioso e criar um clima de suspeição e de desconfiança por parte dos somalis relativamente à comunidade internacional (Garowe, 2010). Esta última parte parece ser particularmente verdade relativamente à Etiópia pois são muitas as organizações e teóricos que defendem que a *Al Shabaab* ganhou legitimidade e poder devido à invasão da Etiópia que despertou sentimentos nacionalistas no povo somali.

Apesar de a AMISOM estar a tentar reequilibrar a sua imagem – por exemplo, através da prisão de seis capacetes azuis em finais de novembro de 2010 devido à morte de dois civis (Gentleman, 2010), há académicos que perguntam se o caminho adequado não passaria por mais apoio e pela tentativa de instaurar maior legitimidade aos grupos locais que são moderados e que lutam contra a *Al Shabaab*. Isto porque a própria afirma, nos seus discursos, que o seu objetivo é lutar contra o inimigo estrangeiro simbolizado pela AMISOM e contra um governo que considera que não é capaz.

Uma das medidas a tomar para enfraquecer a *Al Shabaab* consiste em explorar as suas fraquezas, como o facto de ser um movimento que se designa religioso mas que comete atrocidades, inclusivamente contra as pessoas da mesma religião e não respeita o Ramadão, a altura religiosa mais importante do islamismo. Outra das suas fraquezas poderá residir na sua aliança à *Al Qaeda* e no facto de integrar nas suas fileiras guerrilheiros estrangeiros, algo que não agrada aos somalis em geral. As divisões no interior da Al Shabaab também podem ser exploradas. A sua maior fraqueza será o distanciamento que provocaram entre si e a população somali e em relação a outros grupos que também lutam contra o GFT mas que não apreciam os métodos extremamente violentos da *Al Shabaab*.

Um dos grandes problemas que também necessita de atenção é o recrutamento de jovens estrangeiros e da diáspora somali. Uma das recomendações comuns à maioria dos autores e organizações que falam sobre este problema consiste na adoção de estratégias de apoio a jovens que estejam em risco de ser recrutados, evitando prolongar o ciclo de discriminação e exclusão social a que muitas destas comunidades são sujeitas no estrangeiro.

A crescente aproximação à *Al Qaeda*, o aumento das atrocidades e violações de direitos humanos, o crescente recrutamento e os atentados levados a cabo no

Uganda provam que a *Al Shabaab* é uma organização que consegue atuar dentro e fora da Somália e que terá a tendência para uma maior radicalização, sendo assim necessário encontrar-se meios para que esta situação não se verifique.

Bibliografia

- Amnesty International (2008a). "Release children held in raid on Al Hidyda mosque". *Amnesty International*, 24 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/news-and-updates/news/ethiopia-must-release-children-captured-mosque-attack-20080424>
- Amnesty International (2008b). "Routinely targeted: attacks on civilians in Somalia". *Amnesty International*, maio de 2008. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/library/asset/AFR52/006/2008/en/1162a792-186e-11dd-92b4-6b0c2ef9d02f/afr520062008eng.pdf>
- Amnesty International (2008c). "Somalia: girl stoned was a child of 13", *Amnesty International*". 31 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/for-media/press-releases/somalia-girl-stoned-was-child-13-20081031>
- Amnesty International (2008d). "Attacks on aid workers and rights defenders in Somalia". *Amnesty International*", outubro de 2008. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/library/asset/AFR52/016/2008/en/b394e651-96e5-11dd-baed-87eba7d59a3c/afr520162008en.pdf>
- Amnesty International (2009a). "Amputations carried out on four young men in Somalia". *Amnesty International*, 25 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/news-and-updates/news/amputations-carried-out-on-four-young-men-in-somalia-20090625>
- Amnesty International (2009b). "Somalia: unlawful killings and torture demonstrate Al Shabaab's contempt for the lives of civilians". *Amnesty International*, 24 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/library/asset/AFR52/009/2009/en/33810793-d032-48a4-88ca-dfcd0b1fd433/afr520092009en.html>
- Amnesty International (2010a). "No end in sight: the ongoing suffering of Somali's civilians". *Amnesty International*, março de 2010. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/library/asset/AFR52/003/2010/en/6d0c975e-c16e-4974-a9ec-645d9a6aa5f2/afr520032010en.pdf>
- Amnesty International (2010b). "Human rights concerns in southern and central Somalia". *Amnesty International*, 18 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/news-and-updates/news/human-rights-concerns-in-southern-and-central-somalia-20101018>

www.amnesty.org/en/library/asset/AFR52/013/2010/en/1d8a0187-b1d9-4005-a0b7-68138a3cba14/afr520132010en.pdf

Amnesty International (2010c). *The Human Rights Situation in Africa*. Amnesty International, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/library/asset/AFR01/007/2010/en/fbd35696-03a3-415d-8d1c-aaf14b242c5e/afr010072010en.pdf>

Bakier, A. H. (2008). "Jihadi website interviews new leader of Somalia's Shabaab al-Mujahideen". *Terrorism Focus*, 5 (20). Disponível em: http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews%5Btt_news%5D=4935

Bjelopera, J. e M. Randol (2010). *American Jihadist Terrorism: Combating a Complex Threat*. Congressional Research Service, setembro de 2010. Disponível em: <http://www.fas.org/sgp/crs/terror/R41416.pdf>

Dagne, T. (2010). "The Horn of Africa: current conditions and U.S policy". *Testimony before the Subcommittee on African and Global Health*, Washington. Disponível em: <http://foreignaffairs.house.gov/111/dag061710.pdf>

Garowe (2010). "IGAD says more troops to Somalia". *Garowe*, 25 de novembro de 2010. Disponível em: http://www.garoweonline.com/artman2/publish/Somalia_27/IGAD_says_more_troops_to_Somalia.shtml

Garowe (2010). "Shabaab losing grip of backers". *Garowe*, 25 de novembro de 2010. Disponível em: http://www.garoweonline.com/artman2/publish/Somalia_27/Shabaab_losing_grip_of_backers.shtml

Gentleman, J. (2010). "6 peacekeepers in Somalia arrested in civilian deaths". *The New York Times*, 24 de novembro de 2010. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/11/25/world/africa/25somalia.html>

Gruen, M. (2010). *The Boston Cluster and Extended Connections: Case Study on Home-grown Radicalization*. NEFA Foundation, julho de 2010.

Harding, A. (2009). "Meeting Somalia's Al Shabab". *BBC News*, 3 de julho de 2009. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/8133127.stm>

Hill, M. (2010). *No redress: Somalia's forgotten minorities*. Minority Rights Group International, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.minorityrights.org/10370/reports/no-redress-somalias-forgotten-minorities.html>

Human Rights Watch (2010). *Harsh war, harsh peace: abuses by Al Shabaab, the Transitional Federal Government and AMISOM in Somalia*. Human Rights Watch, abril de 2010. Disponível em: http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/somalia0410webwcover_0.pdf

- International Crisis Group (2006). *Can the Somali crisis be contained?*. International Crisis Group, agosto de 2006. Disponível em: <http://www.crisisgroup.org/~media/Files/africa/horn-of-africa/somalia/Can%20the%20Somali%20Crisis%20Be%20Contained.pdf>
- International Centre for Political Violence and Terrorism Research (2010). *Al Shabaab*. International Center for Political Violence and Terrorism Research. Disponível em: <http://www.pvtr.org/pdf/GroupProfiles/AlShabaab-18March10.pdf>
- International Centre for Political Violence and Terrorism Research (2010). *Kampala, Uganda twin bombs blasts*. International Center for Political Violence and Terrorism Research. Disponível em: <http://www.pvtr.org/pdf/GroupProfiles/KampalaBlastsJuly2010.pdf>
- Kohlmann, E. (2009). *Shabaab al-Mujahideen: Migration and jihad in the Horn of Africa*, NEFA Foundation. Disponível em: http://www.humansecuritygateway.com/documents/NEFA_Migration_Jihad_HornOfAfrica.pdf
- Liepman, A. (2009). "Violent Islamist Extremism: Al Shabaab Recruitment in America". *Hearing before the US Senate Committee on Homeland Security and Governmental Affairs*, Washington. Disponível em: <http://www.nctc.gov/press-room/speeches/sfr-20090311.pdf>
- Mohamed, M. (2009). "Somali rage at grave desecration". *BBC News*, 8 de junho de 2009. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/8077725.stm>
- Monitoring Group on Somalia (2006). *Report of the Monitoring Group on Somalia pursuant to Security Council resolution 1676*. United Nations. Disponível em: http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2006/913
- Monitoring Group on Somalia (2010). *Report of the Monitoring Group on Somalia pursuant to Security Council resolution 1853*, United Nations. Disponível em: http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2010/91
- National Counterterrorism Center (2010). *NCTC Report on Terrorism 2009*. National Counterterrorism Center, Washington. Disponível em: http://www.nctc.gov/witsbanner/docs/2009_report_on_terrorism.pdf
- News 24 (2010). "More Somalia troops won't work". *News 24*, 3 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.news24.com/Africa/News/More-Somalia-troops-wont-work20100803>
- Osman, A. (2010). "Congressional hearing to testify at a hearing entitled "Violent islamist extremists: Al Shabaab recruitment in America". *Hearing before the US Senate Committee on Homeland Security and Governmental Affairs*, Washington.

- Disponível em: http://hsgac.senate.gov/public/_files/031109Ahmed.pdf
- Roque, P. (2010). *Somalia: understanding Al Shabaab*. Institute for Security Studies. Disponível em: <http://africacenter.org/wp-content/uploads/2009/06/Somalia-Understanding-Al-Shabaab.pdf>
- Pantucci R. (2009). "Understanding the Al-Shabaab networks". *Policy Analysis of Australian Strategic Policy Institute* n.º 49. Disponível em: <http://raffaellopan-tucci.com/2009/10/13/understanding-the-al-shabaab-networks/>
- Parliamentary Joint Committee on Intelligence and Security (2009). *Review of the listing of Al-Shabaab as a terrorist organization*. Parliament of the Commonwealth of Australia, Canberra. Disponível em: <http://www.aph.gov.au/house/committee/pjcis/al%20shabaab/report/final%20report.pdf>
- Putzel, C. (2010a). "American Jihad: Vanguard Trailer". *Vanguard Current*, 24 de junho de 2010. Disponível em: http://current.com/shows/vanguard/92509284_american-jihadi-vanguard-trailer.htm
- Putzel, C. (2010b). "Fighting alongside Al Shabaab". *Vanguard Current*, 19 de julho de 2010. Disponível em: http://current.com/shows/vanguard/92554895_fighting-alongside-al-shabaab-vanguard-extra.htm
- Rollins, J. (2010). *Al Qaeda and Affiliates: Historical Perspective, Global Presence and Implications for U.S. Policy*. Washington: Congressional Research Service, fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.fas.org/sgp/crs/terror/R41070.pdf>
- Taarney, M. e L. Hallundbaek (2010). *Al Shabaab: the internationalization of militant Islamism in Somalia and the implications for radicalization processes in Europe*. Copenhagen: Danish Ministry of Justice. Disponível em: http://www.justitsministeriet.dk/fileadmin/downloads/Forskning_og_dokumentation/Forskningspulje/Taarney-rapport.pdf